



SAUDAÇÃO AOS NOVOS ACADÊMICOS DE 2023
Diogenes de Almeida Campos
10 de maio de 2023

Este ano coube a mim saudar os novos colegas que foram eleitos por seus pares para a nossa Academia. Nossa presidente, Helena Nader, honrou-me com esse convite que recebi com grande alegria, principalmente, por ter a oportunidade de ser o primeiro a interagir formalmente com esse conjunto notável de cientistas, os novos acadêmicos, que poderei chamar, daqui para a frente, de meus colegas.

A posse dos novos membros é o rito de renovação pelo qual a Academia garante a sua perpetuação e é marcada com os atos aqui realizados, incluindo esse momento de saudação, que faço em nome dos demais membros, aos novos que agora nela ingressam.

Em outros tempos, para alguém pertencer a uma agremiação, grupo ou tribo, tinha de submeter-se a provas físicas que exigiam muito esforço, coragem e persistência. Hoje, as coisas são mais fáceis, espera-se somente que os novos membros sejam obrigados a ouvir discursos, como já lembrou muito bem o saudoso Ângelo Machado, em outra ocasião, nessa mesma Academia.

Esse ano, completando 107 anos de criação, a Academia vem cumprindo sua tarefa estatutária de promover a ciência brasileira, servindo de referencial de qualidade, identificando e elegendo para a sua corporação, cientistas de maior destaque do país.

Esse ato de abrigar cientistas não esgota os compromissos que a Academia tem com a Sociedade, pelo contrário aumenta a sua responsabilidade de promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em nosso país, pois esses dois ingredientes são os propulsores fundamentais para o avanço de uma sociedade moderna, uma verdadeira sociedade do Conhecimento e do Saber, que venha a permitir o progresso econômico, político, cultural e social brasileiro.

Uma grande contribuição que a Academia pode oferecer à sociedade é o estudo dos grandes temas nacionais que exigem um enfoque multidisciplinar, inclusive das ciências sociais, uma vez que contamos com cientistas capacitados nas diferentes disciplinas. Esperamos que os novos acadêmicos venham aliar-se a esse esforço, trazendo ideias criativas e inovadoras, fruto dos novos talentos que, agora, juntam-se a nós. Esses estudos trarão, tenho a certeza disso, objetividade e rigor científico, para assegurar a credibilidade que se espera de nossa Academia.

Meus caros colegas, o país luta ainda com as dificuldades de um considerável atraso econômico e social, que se manifesta sob a forma de grandes disparidades, agravado pela pandemia, tanto no dia a dia das pessoas, como no desenvolvimento regional e nacional. Somente com muito esforço de expansão da educação e da ciência, poderemos enfrentar e superar essas dificuldades, visando a contribuir para um mundo melhor, usando a ciência básica para o desenvolvimento sustentável, como propõe o evento que há pouco interrompemos.

O descaso com a proteção e conservação do meio-ambiente, o avanço ilegal em áreas reservadas aos povos originários, principalmente, através do garimpo, uma forma antiquada, ineficiente, predatória, desumana, porque explora a mão de obra utilizada, um arremedo de uma atividade de mineração, que só serve aos interesses de poucos e promovem o amplo desastre ambiental, a violência física e cultural, o sofrimento e o morticínio por doenças, envenenamento por mercúrio, ou outras substâncias, das pessoas que vivem na região atingida.

Aproveito também para lembrar o desastre sofrido pela perda do nosso museu maior de História Natural – o Museu Nacional –, e o esforço ingente que está sendo desenvolvido para fazê-lo renascer para o adequado usufruto de seus acervos, ensino, pesquisas e exposições. Não custa lembrar que, com aquele incêndio perdeu-se boa parte dos padrões de referência de nossa flora e de nossa fauna – os tipos. É como se, de repente, boa parte da população brasileira ficasse sem seus documentos de identidade.

Já que falo de museu, seria bom lembrar, puxando, um pouco, a brasa para minha sardinha, mesmo que seja uma sardinha fóssil, da necessidade urgente de revitalização do Museu de Ciências da Terra, onde trabalho há 55 anos, que possui a maior coleção de fósseis do Brasil e uma excelente coleção de minerais, rochas e meteoritos, coletados em quase todos os pontos do território nacional. Os fósseis ajudam a povoar o território brasileiro no passado profundo com exemplares de quase mil milhões de anos e minerais e rochas que ajudam a contar a história da mineração, essa feita de forma científica e técnica, com amostras que são representantes *ex situ* de toda a Geodiversidade brasileira.

Sejam, assim, bem-vindos os novos acadêmicos, que me permitirei nomeá-los, como tem sido costume no Brasil, numa demonstração de coleguismo e de afeto, de modo muito caloroso, pelo primeiro nome. Sejam bem-vindos os membros titulares Carolina, Celina, Rodrigo, Ana Flávia, Severino, Rômulo, Gustavo Henrique, Ima Célia, Denise, Marta Maria, Rafael, Bernardo, Anete, Francisco de Assis, Segen, Alcida Rita e Sérgio. E mais, Alberto, Béla, Hans, Hernan, Igor, Jitender, Paras e Marcia, que vêm ampliar a fileira de nossos membros correspondentes.

Considero oportuno, neste ano, salientar um aspecto alentador, foram eleitas oito mulheres cientistas num total de 17 acadêmicos titulares, quase a metade, portanto. Número esse que permite pressentir conquistas nas aspirações femininas, pois, infelizmente, reconhecemos que a igualdade de gênero, a livre união, a socialização do trabalho doméstico, a igualdade no local de trabalho e o direito à educação não foram, ainda, conquistados na maioria dos países. Em todo o mundo, milhões de mulheres ainda não controlam seus próprios corpos ou seus próprios destinos. Elas enfrentam escolhas difíceis entre trabalho e família, além de dificuldades materiais que tornam impossível criar seus filhos.

É verdade que, atualmente, as mulheres têm erguido a bandeira dessa luta em novas direções, organizando-se contra a violência sexual e doméstica, a reificação das mulheres e o preconceito contra as pessoas com orientação sexual ou identidade de gênero diversas. O trabalho assalariado das mulheres, geralmente mal-remuneradas, tornou-se uma necessidade imperiosa para a maioria das famílias, fazendo com que, toda a vez em que se personifica a pobreza, ela tenha cada vez mais um rosto feminino. Todos esses acontecimentos representam novos desafios e exigem novas soluções jurídicas, políticas democráticas e competência científica que devem ser usadas na construção de um futuro melhor.

Muito obrigado!

